

Igreja em saída: para onde?

Pe. Jaldemir Vitório SJ²¹

Introdução

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, de 24 de novembro de 2013, depois da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI, de 8 de dezembro de 1985, quiçá, seja o documento eclesial mais importante, no tocante ao tema da vocação missionária da Igreja. Francisco, com seu modo característico de falar, desprovido das filigranas da linguagem curial vaticana, convoca a Igreja a uma verdadeira conversão pastoral. Superando o comodismo, a Igreja deve ser colocar “em saída” – “primeirar” – “envolver-se”, de modo que os evangelizadores contraiam o “cheiro de ovelha”, e as ovelhas escutem a sua voz (EG 24).

Este Colóquio acolhe o desafio de Francisco e me propõe a questão: Igreja em saída: para onde? Antes de enfrentá-la, parece-me necessário fazer um percurso, para responder uma série de perguntas prévias, que nos levarão ao ponto de partida da reflexão: a pergunta pelos caminhos da Igreja evangelizadora.

Uma declaração contundente do Papa Francisco servirá de pano de fundo para minha reflexão: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). Francisco pensa a Igreja “sal da terra”, “luz do mundo” e “fermento na massa”, muito distinta da Igreja *societas perfecta*, em conluio com os poderosos, contaminada pelo vírus antievangélico do egoísmo, do autoritarismo e do liturgismo, com o narcisismo que o acompanha, levando-a a se voltar para si mesma, num fechamento que a torna indigna do nome cristão.

A metáfora de Francisco aponta para o onde da missão dos discípulos do Reino: as estradas acidentadas e enlameadas do mundo, não os caminhos seguros, onde o risco de não se ferir é quase nulo. São estradas a conduzir os missionários à humanidade carente de cuidado, em vista de lhe resgatar a dignidade de filhos e filhas de Deus. “Caminhamos nas estradas de Jesus” é uma das aclamações da 5ª Oração Eucarística. A correlação *lex orandi*

²¹ Professor de Sagradas Escrituras na FAJE

– *lex credendi* exige de nós transformar a liturgia em vida e, realmente, deixar o comodismo e nos lançarmos nas estradas de Jesus, quais peregrinos do Reino, nos passos do Mestre de Nazaré e seus discípulos, nos caminhos poeirentos da Galileia, “pois o Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10).

A ideia norteadora desta reflexão será: Francisco quer nos fazer caminhar nas estradas de Jesus! Cabe ao autor da missão indicar-nos o “onde” devemos caminhar. Em muitos casos, o querer do Mestre pode não corresponder às pautas das instituições eclesiais, dos movimentos, dos gurus católicos ou de quem se julga no direito de determinar a missão dos discípulos do Reino, sem a preocupação de se adequar às pautas evangélicas, conhecidas na oração e no discernimento, pessoal e comunitário.

1. Que Igreja deve sair? A identidade da Igreja em saída

Estamos acostumados a falar da Igreja de maneira abstrata, sem raízes espaço-temporais, por conseguinte, sem efetivo enraizamento histórico. A Igreja dos discursos não compromete seus membros, por dizer respeito às altas esferas hierárquicas, em geral, desinteressadas pela dura realidade do povo de Deus. Daí a importância de nos perguntarmos pela identidade da Igreja que se dispõe a sair, em vista da evangelização, assumindo a vocação batismal, com total liberdade em relação ao ministério ordenado, no que tem de clericalista, arrogante, burguês e sem entranhas de misericórdia com a humanidade sofredora, ou seja, os que encarnam o sacerdote e o levita da parábola.

A Igreja “sal que perdeu o sabor” (Mt 5,13) nada tem de importante para comunicar ao mundo e à humanidade. A Igreja dos fanáticos, dos movimentos retrógrados e dos catoliquinhos triviais e assemelhados é melhor que não se ponha a evangelizar, pois lhe falta o carisma evangélico cujo foco é o serviço da misericórdia em favor dos irmãos caídos à beira da estrada.

Espera-se da Igreja em saída que ela seja formada por cristãs e cristãos conscientes de serem Povo de Deus – Corpo de Cristo – Templo do Espírito, em sintonia com a eclesiologia neotestamentária, retomada pelo Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium*. Portanto, evangelizadores com a marca da Trindade! O rosto trinitário da Igreja em saída descortina para os missionários um largo horizonte de ação.

Em primeiro lugar, ao colocá-los nos passos de Deus e de seu povo, fazendo-os estar ali, onde Deus está, como servidores do povo que é de Deus, de modo especial, os empobrecidos e marginalizados, os que nada contam para este mundo, as massas sobrantes, carentes de misericórdia.

Em segundo lugar, ao colocá-los nos passos de Jesus de Nazaré, o ungido de Deus para “evangelizar os pobres, proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19; Is 61,1-2).

Em terceiro lugar, ao abri-los para ação do Espírito Santo que, como “vento que sopra onde quer” (Jo 3,8), os conduz pelos atalhos e veredas de nossa história, os caminhos impérvios a serem trilhados pelos pés dos mensageiros que anunciam o *shalom*, a felicidade e a salvação (Is 52,7).

Sair como Igreja Trinitária significa lançar-se numa aventura imprevisível, provocados a se confrontar, continuamente, com o novo, com o desconcertante, com o desinstalador, com o que desacomoda, por exigir sempre novas respostas, sem jamais se contentar com soluções e esquemas pré-fabricados.

Sair como Igreja Trinitária significa ser criativo e não se intimidar com as surpresas do cotidiano, a exigir o investimento dos dons e carismas, com os quais o Senhor agracia os missionários do Reino.

No início do pontificado, o Papa Francisco deixou claro seu modo de ver a Igreja e como desejava fosse identificada, ao declarar: "Ah, como eu gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres". A Igreja pobre faz contraponto à milenar Igreja constantiniana: rica, poderosa, autoritária, impositiva, arrogante, discriminadora, doente do complexo de superioridade, dona da última palavra, em total dissintonia com o Evangelho. Francisco entendeu bem que só uma Igreja pobre e despojada poderá seguir os passos de quem não tinha onde repousar a cabeça (Mt 8,20), nasceu pobrezinho em Belém e, ao morrer, seus últimos pertences foram sorteados entre os algozes (Jo 19,23-24). Daí não ter custado a Jesus compreender que seu lugar natural encontrava-se no meio dos pobres e dos desprezados pela religião, a ponto de escandalizar os adversários, que o acusavam: “Este homem recebe os pecadores e come com eles” (Lc 15,2).

A Igreja só pode evangelizar se se fizer pobre e, como pobre, colocar-se no meio dos empobrecidos, para lhes “proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,19). Em outras palavras, Francisco tenta colocar a Igreja Católica nos passos de Jesus de Nazaré, para que esteja ali onde o Mestre esteve, como servidora e anunciadora da alegria do Evangelho.

2. Como sair? O “espírito” da Igreja em saída

A saída supõe dos discípulos missionários serem movidos pelo bom espírito. O bom espírito se torna perceptível nas atitudes, nas palavras e nas ações dos missionários. A primeira delas consiste em ter um coração aberto para acolher o outro e o diferente, em vista do diálogo e da partilha fraterna. O coração aberto possibilita escutar o próximo em seus anseios e carências e gera no missionário a disposição para servir, respondendo com gestos concretos os apelos dos irmãos e das irmãs. Predis põe para sair ao encontro do outro e se deixar interpelar por ele, sem preconceitos nem precondições. Em outras palavras, liberta a liberdade dos missionários e os capacita para caminhar rumo à humanidade em suas necessidades mais prementes.

Outro bom espírito é a abertura para a esperança. Os discípulos missionários fidedignos cultivam a esperança abraâmica que consiste em esperar contra as evidências (Rm 4,18), expressão de uma teimosia virtuosa, contraposta aos profetas da desgraça e do fim. Quando desaparecem todos os motivos para esperar, desponta a autêntica esperança do discípulo missionário, para além dos estreitos horizontes das considerações puramente sociológicas, políticas e, até mesmo, religiosas. Nesse sentido, os discípulos missionários serão sempre homens e mulheres de visão, no sentido bíblico de capacidade de ler a história com o olhar da fé e perceber, em suas entrelinhas, os rastros do Senhor.

O bom espírito prepara os discípulos missionários para enfrentar impávidos os desafios surgidos ao longo da missão sem se deixar abater. Uma metáfora evangélica, posta na boca do Mestre, não dá margens para dúvidas: “Eis que vos envio como ovelha no meio de lobos” (Mt 10,16). Aqui está uma resposta à pergunta de fundo desta reflexão: “Para onde vai a Igreja em saída?” A resposta é: para o confronto com forças hostis do anti-Reino que, como lobo, se lançam sobre os missionários do Reino para devorá-los. Os primeiros cristãos foram exemplares na vivência corajosa da missão, em meio a perseguições de toda sorte. Por isso, depois de terem sido açoitados e proibidos de falar no nome de Jesus,

“deixaram o sinédrio, muito alegres por terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome” (At 5,41). Se a mensagem de Jesus chegou até nós, deveu-se à coragem e à fortaleza dos nossos primeiros irmãos e irmãs na fé. O futuro do apostolado cristão está na dependência da disposição dos atuais discípulos missionários de enfrentarem os desafios da missão, sem medo de se confrontar com um mundo hostil, refratário aos valores evangélicos e tendente a eliminar os profetas do Reino, por estarem sempre prontos a “proclamar sobre os telhados” (Lc 12,3) a verdade e a justiça.

3. Sair para quê? Os objetivos visados pela Igreja missionária

O Papa Francisco chama-nos a atenção para algo fundamental na tarefa evangelizadora: o anúncio da alegria. Daqui nasce mais uma resposta para nossa questão de fundo. Os discípulos missionários são enviados para o mundo onde reina tristeza, dor, fracasso, frustração, encurtamento de horizonte e, mais radicalmente, perda do sentido da vida e ausência de razão para viver. Nesse ambiente de negatividade, são chamados a proclamar a alegria da salvação oferecida por Jesus de Nazaré, pela qual o ser humano se torna capaz de enfrentar, de cabeça erguida, os agentes de desumanização, mantendo o olhar fixo no que lhe traz realização: o amor misericordioso, o perdão reconciliador e a prática da justiça. A alegria genuína é um sinal convincente de o ser humano ter encontrado seu eixo existencial. Tal alegria constitui-se numa meta importante da ação missionária.

O encontro com a humanidade sofredora exige dos discípulos missionários a disposição de curar os corações feridos. Numa entrevista concedida às revistas jesuítas da Europa, o Papa Francisco cunhou uma metáfora formidável para falar da Igreja em saída, ou seja, para falar da ação dos discípulos missionários. Afirmou: “Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar altos. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo”. A metáfora de Francisco está calcada na parábola do bom samaritano que, “em viagem”, defrontou-se com um homem semimorto, caído à beira da estrada, “chegou junto dele, viu-o e, movido de compaixão, aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho” (Lc 10,33-34). Quem era o

homem caído à beira da estrada, senão um desconhecido e, quiçá, um odioso judeu inimigo? Entretanto, nenhum argumento poderia ser tão forte, a ponto levá-lo a imitar a atitude mesquinha do sacerdote e do levita. Os discípulos missionários saem ao encontro da humanidade ferida, carente de atenção e de cuidado. E se dispõem a ter-lhe compaixão, como mediadores do amor de Deus por seus filhos e suas filhas caídos nos desvãos de um mundo onde a vida humana é banalizada e os seres humanos carecem de transcendência.

Meta importante dos discípulos missionários é a comunicação da sabedoria do Reino. Essa consciência é fundamental na ação missionária e exige profunda conversão pastoral. Ao longo de séculos, os evangelizadores impuseram a cultura europeia, branca e católica aos povos considerados pagãos, destinatários de sua ação proselitista. E o faziam pela prescrição de dogmas inquestionáveis, práticas sacramentalistas indispensáveis para se obter o céu e rígidas normas morais com determinações precisas do que se podia ou não fazer, do que era pecado e sua exata ponderação: venial, grave ou mortal, com as respectivas penitências. A confissão auricular servia para controlar as consciências e criar no penitente o complexo de culpa, sem lhe reconhecer o direito de autodeterminação e de fazer escolhas livres diante de Deus. Não! Um código extrínseco e heterônimo lhe era imposto, ao qual devia obedecer, sob pena de sofrer o castigo eterno.

O Papa Francisco contradiz essa prática antievangélica ao pensar a missão da Igreja em total aderência ao projeto missionário de Jesus Cristo, cujo conteúdo era a sabedoria do Reino que, na catequese de Mateus, é chamada “justiça do Reino”. Esta, sim, é condição para se tomar parte do Reino. “Se a vossa justiça não for maior que a justiça dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20). O Sermão da Montanha, que se segue (Mt 5-7), nada mais é do que um projeto de vida – sabedoria –, centrado no Pai e no irmão, a ser praticado no cotidiano dos discípulos de Jesus de Nazaré. A catequese de Lucas foca a misericórdia divina como meta a ser alcançada na busca da sabedoria evangélica – “Sejam misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Tal sabedoria, muito distinta dos dogmas abstratos e dos moralismos intransigentes, será o conteúdo da missão dos discípulos do Reino, numa Igreja em saída, em processo de conversão pastoral.

4. Em busca de quem a Igreja sai? Os destinatários da missão da Igreja

A misericórdia tem sido um tema importante no pontificado de Francisco. O lugar do qual “contempla” o mundo e a história, na condição de Papa, permite-o ver os sofrimentos da humanidade, numa profundidade e largueza, possibilitadas a poucas pessoas.

O apelo da misericórdia possibilita-nos responder a questão de fundo – Para onde vai a Igreja em saída? – dizendo que a Igreja deve sair em direção aos últimos desse mundo, os que, como denuncia o Papa Francisco, “a sociedade descarta e lança fora” (*EG* 195). Se a Igreja missionária passa à margem dos empobrecidos e marginalizados, estará sendo infiel ao seu Senhor, tornando-se surda e desobediente, num detestável cinismo religioso, encontrável num catolicismo burguês e elitista, lenitivo para as consciências dos devotos opressores, ricos e poderosos. Alguns movimentos católicos, mancomunados com bispos e presbíteros contaminados pela ideologia do capitalismo neoliberal, têm se prestado a tal desserviço ao Evangelho. Ao desprezarem olímpicamente o testemunho profético de Francisco, dão origem a um cisma velado em nossa Igreja.

O exemplo fulgurante do Papa Francisco deve ser um aguilhão na consciência dos católicos dispostos a sair para evangelizar, no sentido de buscarmos os que nada contam numa sociedade anestesiada pelo consumismo e pelo hedonismo, perfeita encarnação da Parábola do Rico e do Lázaro (Lc 16,19-31), onde o homem rico “que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteara com requinte”, não tinha tempo para ver “um pobre, chamado Lázaro, que jazia à sua porta, coberto de feridas e desejava saciar-se do que caía da mesa do rico. E até os cães vinham lhe lamber as feridas” (v. 19-21).

Pouco depois do início do seu pontificado, em 8 de julho de 2013, o Papa Francisco fez uma viagem à ilha de Lampedusa, território italiano no Mar Mediterrâneo, para denunciar a globalização da indiferença diante da morte cruel de tantos migrantes, para quem o mar se tornava sepulcro, sem ter quem os chorasse. Em sua homilia pungente, Francisco confrontou as consciências dos católicos, mas também dos governantes das grandes potências, com uma questão: “Quem é o responsável por este sangue? [...] Todos e ninguém! [...] Quem é o responsável pelo sangue destes irmãos e irmãs? Ninguém! Todos nós respondemos assim: não sou eu, não tenho nada a ver com isso; serão outros, eu, certamente, não. Mas Deus pergunta a cada um de nós: ‘Onde está o sangue do teu irmão

que clama até Mim?” Francisco deu uma pista para a resposta: “A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!”

A rápida visita que Francisco fez ao campo de refugiados de Mória, na ilha grega de Lesbos, no mês passado (16/04/2016), foi uma tentativa de chamar a atenção do mundo para a gravíssima situação dos refugiados de guerra sírios, mas também de todos os refugiados do mundo, que vivem em situação subumana, absolutamente, carentes de solidariedade misericordiosa que os possibilite reconstruir a esperança e a alegria de viver.

As palavras de Francisco, em Lampedusa, devem ser levadas a sério pelos discípulos missionários, realmente desejosos de continuar a missão do Mestre de Nazaré. Sair, sim, mas em direção aos deserdados desse mundo, dos desesperançados, dos que buscam um sentido para viver, daqueles a quem é negado o direito de viver com dignidade e respeito. Creio ser possível dizer que a ação dos discípulos missionários pode ser considerada como serviço à “ecologia humana”, expressão usada por Francisco na *Laudato Si'* (nº 155). De fato, não podemos falar de ecologia e meio ambiente fazendo vista grossa ao ser humano degradado, juntamente, com a natureza, pela ganância dos que querem transformar tudo, inclusive os humanos, em coisas a serem consumidas e descartadas.

Os discípulos missionários jamais se olvidarão que o universo da humanidade desfigurada é o lugar incontornável da presença dos anunciadores da salvação, que Jesus de Nazaré nos veio trazer. A evangelização consistirá em construir a “cultura da solidariedade” que leva a ver no outro “um irmão”, como bem sublinhou Francisco, em 25/07/2013, na fala aos moradores da Comunidade de Varginha, no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro.

5. Para onde vai a Igreja em saída? Os caminhos dos discípulos missionários

Os discípulos missionários são chamados a trilhar os caminhos de Jesus, ainda não percorridos pela Igreja. Portanto, será preciso fugir da mesmice e dos caminhos já

conhecidos, para não “chover no molhado”, como ensina a sabedoria popular, e, sim, buscar as veredas que levam àqueles a quem o Senhor da messe e da missão envia seus apóstolos. Será preciso deixar-se guiar pelo Mestre, pelos atalhos desejados por ele, e ser levado para onde ele quer.

Assim, a resposta mais correta à pergunta norteadora desta reflexão – “Para onde vai a Igreja missionária?” – será: para onde o Mestre de Nazaré quiser nos levar. Esta guia se tornará legítima aventura apostólica, a exigir total disponibilidade, sem condições ou exigências, como aquelas dos discípulos de outrora: “Senhor, permite-me ir primeiro enterrar o meu pai” ou “Eu te seguirei, Senhor, mas permite-me primeiro despedir-me do que estão em minha casa”. A resposta peremptória do Mestre conserva sua atualidade: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus” ou “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus” (Lc 9,57-62). Só quem se dispõe a se deixar levar para onde o Mestre quiser, estará apto para ser chamado discípulo missionário. Os medrosos, inseguros e carregados de exigências estão excluídos!

Por outro lado, só quem discerne os sinais dos tempos, para auscultar os apelos de Deus, será capaz de se decidir, evangelicamente, pelos caminhos a serem palmilhados e o destino ao qual o Senhor o quer conduzir. Trata-se de um exercício espiritual, do qual nenhum discípulo missionário está dispensado, sob pena de se equivocar ou se extraviar no caminho. Discernir significa caminhar sob a guia do Espírito que conduz os discípulos de Jesus, nos caminhos queridos pelo Pai. Portanto, não são os caminhos definidos e queridos pelos discípulos missionários e, sim, os caminhos do Pai que leva àqueles a quem deseja fazer chegar seu amor misericordioso. Trilhar os caminhos do Deus Trindade será um desafio continuado dos discípulos missionários. Repto cotidiano se considerarmos a constatação de Is 55,7-8: “Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus – oráculo do Senhor. Pois tanto quanto o céu está acima da terra, assim estão os meus caminhos acima dos vossos e meus pensamentos distantes dos vossos”. Fazer coincidir os caminhos da missão cristã com o desejo de Deus exige do discípulo missionário ingente esforço para estar em sintonia com Deus e lhe ser fiel, embora devendo pagar um preço alto pela fidelidade. Como Jesus, os discípulos missionários são chamados a declarar: “Eu e o Pai somos um!” (Jo 10,30).

Carlos Mesters tem uma expressão contundente que pode ser resposta para onde a Igreja em missão deve ir: os “porões da humanidade”. Aí estão os mais carentes da presença evangelizadora da Igreja, sacramento da misericórdia. Por outro lado, existem situações específicas nas periferias, nos interiores, nas fronteiras e nos novos areópagos a serem fermentadas pelos valores do Reino, a exigir a presença dos discípulos missionários. Em todos os âmbitos do exercício da missão, o discípulo missionário vai sempre aos “porões”, sem se acomodar nos níveis mais superficiais que não exigem desinstalar-se.

São muitos os tipos de *periferias*. Se pensarmos as periferias socioeconômicas, mormente nas grandes metrópoles, nos confrontaremos com as terríveis contradições de um sistema econômico que marginaliza milhões de pessoas e as condena a viver em condições subumanas, em meio a toda sorte de carência e de violência degradantes. Os exploradores da boa-fé do povo encontram aí terreno fértil para a difusão de propostas religiosas aliciadoras e enganadoras, sem qualquer intenção de promover a dignidade humana dos fiéis.

O Papa Francisco tem preocupação especial com as fronteiras existenciais, lugar do sofrimento, da carência de cuidado, da solidão, do envelhecimento, do desprezo social e tantas outras mazelas sociais.

Os *interiores* são outro desafio importante para os discípulos missionários. Em geral, são lugares de indigência e de abandono, campo fértil para a ação de políticos inescrupulosos e corruptos. Ao abandono social, econômico e político, muitas vezes, soma-se o abandono religioso por parte da nossa Igreja. Os interiores ficam entregues à própria sorte!

As novas *fronteiras*, por sua vez, vão se multiplicando, enquanto as fronteiras geográficas têm cada vez menos importância. Pensemos nas fronteiras culturais, nas fronteiras sócio-político-econômicas, nas fronteiras da cultura científico-tecnológica entre outras. Que dizer do mundo sem fronteiras da era cibernética, onde os conceitos de tempo e de espaço foram superados! Os seres humanos encontram-se aí, às voltas com questões éticas e, mais radicalmente, as referentes ao sentido da vida e ao destino da humanidade, à espera de quem os ajude a decifrar os enigmas da existência humana e a encontrar pautas éticas para uma vida carregada de sentido. Evocando uma feliz expressão do Papa Paulo

VI, na Encíclica *Populorum Progressio* (nº 13), os discípulos missionários devem ser “peritos em humanidade”.

Os *novos areópagos* são, também, lugares da ação dos discípulos missionários. A expressão, evocando At 17,16-31, ocorre na Encíclica *Redemptoris Missio* (nº 37-38), do Papa João Paulo II. Como o apóstolo dos gentios, os discípulos missionários são chamados a buscar o diálogo em contextos onde a fé cristã não é o ponto de partida, mas deve encontrar seu lugar, sem imposição nem ares de superioridade. A Encíclica elenca alguns dos novos areópagos: o mundo das comunicações, a luta pela paz, o empenho pelo desenvolvimento e a libertação dos povos, mormente, as minorias, a promoção da mulher e da criança, a ecologia, a cultura, a pesquisa científica, as relações internacionais e o fenômeno religioso que, na contramão do que se pensava, está mais vivo do que nunca, a desafiar os evangelizadores. É preciso recordar outros areópagos importantes: o mundo da ciência e do pensamento, o mundo universitário, o diálogo inter-religioso e com os não crentes, as juventudes e, de modo particular, o mundo das redes sociais. A *Laudato Si'* torna a “casa comum” verdadeiro areópago onde os discípulos missionários devem estar, não só para salvar o Planeta, mas, especialmente, para salvar os pobres que nele são a maioria. O *clamor da terra* deve se fazer ouvir, juntamente com o *clamor dos pobres* (*LS* 49), se se postula uma “ecologia integral” (*LS* 137-162).

Estes são os lugares onde a Igreja em saída deve estar na pessoa dos discípulos e das discípulas missionários. Neles se encontra a humanidade carente da Palavra de Deus, que, na metáfora do Sl 119,105, deve ser lâmpada e luz a lhe guiar os passos, permitindo-lhe caminhar com segurança.

Conclusão

Ao abraçarem a missão, os discípulos missionários são confrontados com a questão crucial do caminho a seguir. Eles são Igreja em saída! Porém, para onde? Seriam missionários inúteis se seguissem um caminho qualquer; seriam desorientados, se escolhessem o caminho por erro - acerto; seriam ingênuos, se se deixassem iludir por falsos apelos, sem se dar conta por que caminhos andam; seriam mimetistas, se se contentassem em repetir os métodos, imitar as ações e seguir os caminhos alheios; enfim, seriam infieis, se construíssem caminhos próprios sem discernir os desígnios de Deus.

Sair, sim, mas para estar ali onde o Senhor da Messe deseja que estejam seus discípulos missionários, para anunciar a Palavra de Deus a quem o Pai deseja dirigir sua Palavra de amor. Só assim será possível experimentar a verdadeira alegria de evangelizar.